

Festa na Capela: Aquilombamento Para Imaginação de Novos Mapas

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.73.15>

Daiana de Moura Bernardes Coelho

Centro de Ciências Humanas e Biológicas, Programa de Pós Graduação em Educação,
Universidade de São Carlos, São Carlos, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-8548-7086>
daiana@estudante.ufscar.br

Viviane Melo de Mendonça

Centro de Ciências Humanas e Biológicas, Programa de Pós Graduação em Educação,
Universidade de São Carlos, São Carlos, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-1368-1883>
viviane@ufscar.br

Resumo

Em Sorocaba, interior de São Paulo, todos os anos acontece uma festa na Igreja do Senhor do Bonfim da Água Vermelha, conhecida como Capela do João de Camargo. Sempre no dia 20 de novembro, a festa é dedicada à reflexão do feriado da consciência negra, à celebração da cultura e da vida do povo afrodescendente. Dentro da igreja, realiza-se um ato ecumênico com lideranças negras de diferentes movimentos, inscrevendo no mapa da cidade um aquilombamento onde a pluralidade e a diferença se encontram para dialogar, fortalecer, honrar e celebrar a memória das lutas afrodiaspóricas. Destaca-se João de Camargo (1858–1942), importante liderança político-religiosa que nos idos de 1900 se preocupou com a arte, cultura, saúde, educação e com a espiritualidade da população negra. É simbólica a realização da festividade da consciência negra se firmando como movimento há 15 anos neste território que teve suas primeiras sementes plantadas em 1906. Objetivamos pensar esta festa e as celebrações negras no estado de São Paulo como estratégias de reelaboração da experiência negra em diáspora, refletindo de maneira crítica sobre cicatrizes do passado que latejam no presente. A partir da festa, é possível mirar as potencialidades para imaginar e criar mapas plurais?

Palavras-Chave

festa, Capela de João de Camargo, 20 de novembro, aquilombamento, afrodiáspora

Introdução – Notas Sobre o Direito à Festa e à Ancestralidade Negra

Abrimos a tribuna deste trabalho saudando os Pretos Velhos. Reverenciamos também na figura de João de Camargo e de sua mãe Nhá Chica, saudamos a igreja negra e misteriosa da Água Vermelha com todas as fés e políticas que habitam seu sagrado território.

Explicitamos que essas reflexões se ramificam da pesquisa em andamento *Respirar Utopias e Corporeidades: Estudo Sobre Artistas Negras na Cidade de São Paulo*, que se centra nos discursos cênicos de mulheres negras. Partindo das noções de devir-semente e aquilombamento, entendemos que os saberes compartilhados, as memórias e exemplos ocupando espaços nas artes cênicas configuram inúmeros processos de reconhecimento, fortalecimento e pertencimento.

Na dissertação *Mulher Negra E(n)Cena: Performances, Encontros e Utopias* (Moura, 2019), conceituamos como devir-semente os processos onde lemos o presente que anseia por futuros mais respiráveis e ao mesmo tempo são potencializadores de subjetividades rebeldes e desestabilizadoras (Gomes, 2017). As mulheres negras das gerações mais jovens reverenciam e referenciam as mais velhas que abriram caminhos e portas. As pistas seguidas pelas mais jovens, que ao efetivar os próprios processos também semeiam devires, são trilhas importantes para entender como corpos negros articulam seus discursos na contemporaneidade. Corroboramos com Nilma Lino Gomes (2017) sobre o movimento negro construir e socializar saberes educativos e emancipadores, nessa perspectiva olhamos para os atos de 20 de novembro:

o movimento negro constrói um projeto educativo emancipatório e, dentro deste, socializa os saberes construídos pela população negra ao logo de sua trajetória história. Esses saberes são fruto de *subjetividades desestabilizadoras* construídas nas trajetórias dos negros, das negras e nos seus corpos. Subjetividades que foram passadas de geração em geração como herança, cultura e resistência [ênfase adicionada]. (p. 131)

Olhar para o passado e com ele aprender a fabular o futuro é uma máxima presente nos movimentos negros. Na espiritualidade e religiosidade, nas filosofias, nos aspectos relacionados com a arte, cultura e ciência, ouvir as sabedorias das mais velhas e o aprendizado das experiências do passado é sempre um fator determinante.

Assim também as estratégias e ferramentas utilizadas para a promoção do encontro que fertiliza essas trocas de saberes. Beatriz Nascimento (2021) defendia que se no processo de escravização diversos agrupamentos negros surgiam recusando a posição de objeto, tempos depois essas estratégias sobreviveriam em territórios e corpos afrodiaspóricos. Candomblés, escolas de samba, movimentos negros, são territórios de ancestralidade e cultura, são verdadeiros quilombos. Esse conjunto de ideias substancia o fio condutor da pesquisa: aquilombamento.

Vemos territórios emancipatórios onde o sujeito negro empreende suas buscas como formas possíveis de subverter o pensamento hegemônico que hierarquiza e privilegia determinadas formas de conhecimento, fragmentando e enfraquecendo coletividades e comunidades. Esses encontros vão além da noção de sobrevivência e proteção da vida, abarcam os desejos de celebrar e sonhar caminhos possíveis. Chamamos de territórios utópicos que produzem encontros potentes em diversos âmbitos (político, artístico, cultural, religioso) com propostas e ideias que escoam para os discursos negros nas artes e em várias linguagens. No caminho apontado por Nascimento (2021), defendemos que são também territórios festivos e sonhadores, que continuam servindo às lutas por libertação e justiça, pelo direito à vida e à utopia.

Escolhemos falar da Igreja do Senhor Jesus do Bonfim da Água Vermelha em Sorocaba, que segue na contemporaneidade com pistas das noções de reelaboração da experiência do ser negro em territórios afrodiaspóricos. Falaremos a partir da consciência negra que atravessa as raízes da nossa pesquisa. Antes elucidaremos pontos sobre a formação do território e do contexto que permite a criação de espaços como a Igreja de João de Camargo, no interior de São Paulo.

Sorocaba de Mil Caminhos

Sorocaba foi uma rota importante para o início do processo de formação do Brasil. A colônia de exploração se expandiu muito pelos interiores de São Paulo. “Fundada por paulistas mamelucos, que eram sertanistas e bandeirantes, Sorocaba passou a cumprir seu destino histórico” (Campos & Frioli, 1999, p. 68). Dado importante que reflete nos posteriores acontecimentos da cidade que sempre foi caminho. A região de Sorocaba sempre interligou, conectou o sul a São Paulo e ao restante do país. “Tornava-se foco de irradiação para o sul e oeste, com suas entradas e bandeiras, que desde o início foram abrindo os caminhos para Curitiba e para as Missões Jesuíticas do sul tomadas aos espanhóis” (Campos & Frioli, 1999, p. 68). Além de ser ponto de partida para as famosas entradas e bandeiras do ciclo do bandeirantismo, mais tarde daria caminho para as passagens de mulas e cavalos que marcam o tropeirismo com as famosas feiras de muare que aconteciam nessas terras. Este ciclo era organizado pelos trânsitos das mulas que faziam antes das estradas de ferros o transporte de ferramentas, alimentos e animais. Os tropeiros foram agentes cruciais para o comércio e transporte de pessoas escravizadas. Importante fazer essa demarcação pois normalmente a história oficial enaltece a existência desse ciclo sem fazer as devidas colocações: bandeirantes e tropeiros foram importantes principalmente porque movimentavam a caça aos povos originários e aos povos africanos pelos interiores do país.

Importa ressaltar que não é só como rota de passagem que essa região se insere no mapa da história. A primeira jazida de exploração de ferro se deu por essas bandas no morro do Araçoiaba, o que torna possível uma série de eventos. A cidade se insere no processo de industrialização com a criação da ferrovia, com as fábricas de tecido, desenvolvimento comercial e industrial que leva ao status de polo importante para diversas produções nacionais, a exemplo dos setores industriais, agrícolas e comércio. O título de “Manchester paulista” em 1903 vem nesse sentido. Entretanto, questionando a ideia de ordem e progresso, podemos ler todo esse processo de maneira crítica: o resultado são marcas profundas no território e no corpo dos sujeitos, com mentalidades e especificidades que se alastram até os dias de hoje. A cidade é reconhecida e louvada pelos industriais e capitalistas como rota de passagem, de trabalho e de exploração de bens naturais e de pessoas. Sujeitos que passam a ser regidos pelo apito das fábricas, pelo tempo da indústria e do comércio. Se adaptando ao ritmo das máquinas e da lógica de lucratividade, que é justamente o que liga Sorocaba a São Paulo, com suas “máquinas que se movimentam com desespero”, como diz Patrícia Galvão (2022, p. 16), no magistral romance Parque Industrial, onde conta o desenfreado crescimento de São Paulo que engole e, quase literalmente, mastiga principalmente as mulheres, as pessoas negras e empobrecidas. Os teares da pauliceia se agitam e com eles uma infinidade de mudanças nos territórios, hábitos e subjetividades. Sorocaba, mesmo tendo sido devastada pela febre amarela no final do século XIX, se reergueu e participou intensamente dessa efervescência.

De modo que criar condições para o respiro, o descanso, o sonho e a celebração não são tarefas simples, requer estratégias e habilidades específicas, principalmente para a população negra, que ao longo de todo esse processo histórico vive a contradição de não apenas ser lida como seres objetificados e subalternizados no mercado de trabalho, mas também é no trabalho que se constroem rotas de dignificar, ressignificar e reelaborar as experiências depois do longo e insidioso processo de escravização.

Não só com as bandeiras, tropeirismo e fábricas se costura a história da cidade com a negritude. Com tanta movimentação, desde e antes das feiras de muares, as organizações de festas e ritos de celebração sempre foram intensas. “Entre as festividades da cidade, eram muito populares as cavalgadas e congadas. As cavalhadas aconteciam na época dos fogos juninos e os chefes eram pessoas de grande destaque na vida política e social da cidade” (Campos & Frioli, 1999, p. 160). É no meio dessa história que surge e figura de João de Camargo, que nos traz importantes reflexões sobre a consciência negra e o direito ao sonho e à celebração. Reflexões que se teciam de modos diretos com processos políticos, religiosos e culturais coletivos e de modos menos diretos com a participação efetiva de negros e negras nas lutas cotidianas e individuais por libertação e justiça. As festas populares, procissões, cortejos e a tradição de tomar as ruas e o calendário da cidade não poderiam ficar de fora desse quadro do que hoje entendemos como “consciência negra”:

as congadas de final de ano estendiam-se até o dia de reis, e mostravam o grau de integração das pessoas da Água Vermelha com a cultura local. A gente de cor compunha a batalha como o *rei* Salerno das Neves, o *cacique* Luís Augusto, o embaixador Ramiro Parreira, os *congós* Benedito e Amâncio de Andrade e



Izolino de Lima, além de tudo a congada de Reis era feita em homenagem a São Benedito, o seu querido Rongondongo [ênfase adicionada]. (Campos & Frioli, 1999, p. 160)

Ora, se a população negra era lida como força de trabalho, objeto de exploração e inferiorizada, ao conseguir celebrar seu sagrado, tensionavam e friccionavam as ruas da cidade. Como podemos sentir, as festividades negras religiosas não eram momentos de integração, de descanso e respiro (Figura 1).

Nesses momentos entendemos a força política que esses movimentos possuíam e a pluralidade de experiências que abarcavam. É possível imaginar que esses encontros mudavam o mapa da cidade e transformavam espaços do cotidiano ordinário em espaços de alegria e produção de afetos positivos para os corpos negros. Feitas as devidas colocações sobre as tramas históricas que possibilitaram o surgimento da cidade de Sorocaba e das subjetividades que a povoam, nos dedicaremos a traçar algumas notas que visam argumentar a importância do sonho, da imaginação e da festa interligando o passado e o presente da Igreja do Bom Jesus da Água Vermelha como território fundamental para a consciência negra no interior de São Paulo.

Figura 1
Quadro presente na Igreja de João de Camargo. Imagem de cortejo festivo na comunidade da Água Vermelha.
Créditos. Daiana Coelho e Viviane Mendonça.

A Igreja: Território da Festa Antes e Depois

João de Camargo (1858–1942), importante liderança político-religiosa, nos idos de 1900, se preocupou com a arte, cultura, saúde, educação e espiritualidade da população negra.. É simbólica a realização da festa-ato da consciência negra, se firmando como movimento há 15 anos neste território que teve suas primeiras sementes plantadas em 1906. Nomear João de Camargo neste trabalho se faz pertinente não apenas por conta da sua trajetória como líder negro e da ideia que defendemos de sua vida no período pós-abolição como uma subjetividade desestabilizadora e rebelde (Gomes, 2017). Uma informação que aqui se faz relevante é a exaltação que os livros oficiais fazem ao contarem que Sorocaba foi a primeira cidade do país a abolir a escravidão, fato que não diminui o peso das desumanidades cometidas e não mostra nenhuma intenção de transformação e justiça social.

Obviamente, qualquer tentativa de enquadrar a relação senhor-escravo como cordial, como às vezes se pretende fazer crer, somente pode ser entendida como retórica, um mero recurso formal de defesa dessa época selvagem da economia e produção no país. Qualquer tentativa nesse sentido choca-se contra os fatos que a história revela, de maus tratos e de preconceitos contra os negros. Foi a resistência negra, muitas vezes em quilombos, uma luta árdua em que muitos tombaram, que permitiu o resgate da liberdade pessoal e de costumes das várias culturas originais das diversas etnias africanas. (Campos & Frioli, 1999, p. 105)

Sendo a cidade alicerçada sob o regime mercadológico desde sua fundação, a história da negritude se entrelaça com essa memória. Neste território, como em todo o país, as lutas foram com muita resistência e perspicácia, como nos mostra a experiência de João de Camargo.

Nhô João, como era conhecido, não foi apenas uma liderança religiosa, mas também política. Ex-escravizado que agregou homens e mulheres, negros e brancos, pobres e ricos, intelectuais, políticos, homens simples, em resumo, agregou o povo. Atuou orientado pelos seus guias espirituais atendendo e cuidando dos menos favorecidos, dos que não possuíam direito à cidade, à saúde, à educação e à cultura. O contexto era embrutecido pela realidade extremamente cruel que a população negra vivia:

logo após a libertação dos escravos, João de Camargo rumou para Sorocaba, principal centro urbano da região, local dos grandes sonhos de sua infância. Passou a viver como era possível, com as dificuldades de um ex-escravo no novo mundo da cidade, engrossando um grupo de negros atraídos pelo canto da sereia urbana, pessoas que passavam a constituir uma classe de ex-escravos libertos que executavam as atividades mais difíceis e de menor remuneração (...) acabavam obrigados a uma condição de *deserdados sociais* [ênfase adicionada]. (Campos & Frioli, 1999, p. 136)

João de Camargo, que vivia como seus irmãos negros na condição de deserddado social, viveu um processo de iluminação espiritual. Sua jornada se firma como homem

religioso apenas 18 anos após a declaração da lei áurea, que aboliu a escravatura – sabemos ter sido muito mais um artifício por conta da pressão econômica e política do que de fato o desejo dos poderosos de libertar a população negra, o processo se deu com muitas lutas e tensionamentos criados pelos movimentos quilombolas e abolicionistas. Quando menino, ainda escravizado, João recebeu o sobrenome de seus patrões, fora batizado na igreja católica e socializado nos costumes dessa religião. Foi com sua mãe, Nhá Chica, que aprendeu a sabedoria das ervas e da religiosidade africana. Na tentativa de elucidar um quadro sobre a configuração das religiões afro-brasileiras e descrever os violentos processos que levaram ao chamado “sincretismo religioso”, Campos e Frioli (1999) traçam o percurso da religião de João de Camargo:

a macumba e a umbanda, organizaram-se no Rio de Janeiro, como um culto meio aparentado da cabula angolana e também com alguns elementos iorubanos, além da incorporação de alguns rituais indígenas brasileiros; finalmente, completando esse quadro geral e sucinto do sincretismo brasileiro, em São Paulo o culto africano passou pela macumba, com maior influência dos rituais angolanos que a caracterizavam, e pela *calunga*, culto misterioso, também angolano, sobre o qual é difícil obter informações precisas. Foi dessa influência angolana que desabrochou o culto de João de Camargo [ênfase adicionada]. (p. 30)

A *calunga* pequena é o cemitério, a grande é o mar. João de Camargo segue a ancestralidade angolana e reverencia a *calunga* grande, indo até Santos, periodicamente. Reverencia também a *calunga* pequena, através das cruzes de beira de estrada, sendo mais tarde seu túmulo, que é uma réplica da igreja na *calunga* pequena, um dos mais visitados da cidade de Sorocaba. O processo de iluminação de João de Camargo foi muito complexo e envolveu uma série de fatos que vão desde o seu profundo respeito à *calunga* e aos mortos, a ligação com os elementos da natureza, os conhecimentos herdados de sua mãe e um bom tanto de mistério entrelaçado a uma mediunidade extremamente desenvolvida.

A “igreja negra e misteriosa da água vermelha” (Campos & Frioli, 1999, p. 16) foi como o próprio João a nomeou no primeiro sermão neste território, que segue resistindo firmemente aos ardis da colonialidade. Chamada de “igreja” ou de “capela”, um território utópico que pode ensinar muito às sociedades sobre convivência em harmonia, pluralidade, amor e memória. A capela, que por orientação dos guias espirituais foi consagrada a Nosso Senhor Jesus do Bonfim, pode ser sentida como uma entidade que carrega em suas estruturas as energias potentes da população que representa, nasceu na mesma época que outros importantes territórios de religiosidade negra espalhados pelo país como “o Gantois e o Axé do Opô Afonjá” (Campos & Frioli, 1999, p. 31). Como se importantes localidades, que se mantém atuantes através dos tempos como verdadeiros quilombos, fossem um circuito sempre interligado, recebendo, agregando e promovendo encontros da população negra.

A figura marcante de João de Camargo foi vítima de muitas perseguições. Através de suas estratégias conseguiu erigir um território que abrigou a primeira escola mista da Água Vermelha; uma rotina de cuidados e atendimentos a saúde e espiritualidade

da população negra e pobre; uma dinâmica de festas, procissões e cortejos que colocava essas pessoas no mapa da cidade de forma visível e participativa, inclusive criando uma banda musical com integrantes negros que tocavam partituras enviadas pelos guias espirituais do médium, que era analfabeto. Hoje a igreja é um território de encontro da população negra da cidade e contém em si traços importantes para discutir ancestralidade e identidades negras, tais como: a postura de afetividade e agregação de religiosidades diferentes, a presença dos elementos naturais (folhas, flores, árvores, água, pedras, fogo das velas) e de elementos das tradições religiosas de matriz afro-brasileira (balas, doces, conchas, terços, aguardente, orixás, fitas, etc). Tudo isso está fortemente marcado na história de resistência da negritude no interior paulista e parece ser retomado pela festa-ato, que é extremamente dinâmica, agregadora e abarca diferenças não só das características dos grupos, artistas e religiões de matriz negra que participam, mas dos próprios corpos que compõem todos esses movimentos (Figura 2 e Figura 3).

A festa, assim como a Igreja, é hoje uma manifestação da diferença e da pluralidade de corpos e expressões de identidades e performatividades. Exatamente como um rastro das experiências iniciais que forjaram o território, encarna no presente uma

"Tudo isso está fortemente marcado na história de resistência da negritude no interior paulista"

Daiana Coelho e Viviane Mendonça



Figura 2
Imagem da igreja antes (quadro interno).
Créditos. Daiana Coelho e Viviane Mendonça.



Figura 3
Imagem da igreja
atualmente.
Créditos. Daiana Coelho
e Viviane Mendonça.

continuidade, uma reelaboração do propósito do nascimento do culto de João de Camargo. É como se a festa-ato do 20 de novembro reorientasse a existência desse território, um atravessamento de tempos, onde passado e presente se abraçam e juntos sonham mapas mais justos de vida, pluralidade e afetos positivos para a população negra. É o devir-semente de João de Camargo.

Descrição da Festa - Reelaboração da Experiência Afrodiaspórica

Denominada pelo movimento negro local como um “ato”, a festa acontece desde que Sorocaba aderiu ao feriado da consciência negra em 2007, através da Lei n.º 8120/07 (2007), em que a câmara municipal decreta e autoriza o poder público a promover atividades reflexivas em caráter de ações afirmativas em relação a data. Fruto de lutas e conquistas históricas dos diversos movimentos negros do país, o dia 20 de novembro entra para o calendário das escolas em 2003. É reconhecido como “dia nacional de Zumbi e da Consciência Negra” em 2011, instituído oficialmente pela Lei nº 12.519 (2011), sancionada pela então presidenta da república Dilma Rousseff.

É dia feriado para as 1.260 cidades do Brasil que aprovaram lei municipal, parando as atividades do cotidiano ordinário para refletir sobre história e memória e para celebrar as resistências e conquistas da população negra. Diante de tudo o que discutimos, fica evidente a importância da demarcação deste dia. Zumbi foi assassinado em 20 de novembro de 1695, 2 anos depois do ataque sangrento do bandeirante Domingos Jorge Velho, pago pelo governo de Pernambuco para aniquilar o Quilombo dos Palmares. Junto com Dandara, liderou uma das maiores resistências afrodiaspóricas, o Quilombo dos Palmares. A data é um convite para rememorar as lutas pela libertação das pessoas escravizadas e avançar nos desafios contemporâneos dos afrodescendentes. Como vimos com Beatriz Nascimento (2021), quilombolas rejeitaram a condição de escravizados e lutaram até a morte, defendendo o território onde a população negra pôde viver e manifestar-se. Por sua resistência e pelo poder das memórias contidas em si, o território da Igreja de João de Camargo foi escolhido para abrigar o ato que unifica os movimentos negros neste dia tão especial.

Logo nas primeiras horas da manhã do dia 20 de novembro, o bairro da Água Vermelha, hoje chamado Jardim Paulistano, vai se colorindo das mais diversas identidades que se achegam. Quem entra pela primeira vez na igreja, sente um estranhamento, é uma profusão de imagens, orixás, santos católicos, caboclos, ciganos, quadros, fotos, nichos e mais nichos, onde variadas crenças habitam em convivência harmônica (Figura 4).

No pátio externo da capela, o corpo e a voz protagonizam. Falas de lideranças e apresentações artístico-culturais: performances, capoeira, samba de roda, coco, maracatu, dança dos orixás. Arte e cultura situam no território as marcas da ancestralidade negra, resistentes tambores ressoam na cidade, empretecem e ressignificam o mapa da outrora “Manchester paulista”, que pode pensar sobre si em um dia de respiro, alívio, descanso e alegria. O emocionante ato político acontece dentro da igreja, a voz de religiões diferentes em clamor pela vida do povo negro, uma mãe-de-santo, um padre, um pastor derrubam as fronteiras entre as religiões e saem da igreja cantando juntos acompanhados por todas as vozes presentes.

Uma das etapas mais esperadas da festa é o momento de comer juntos, a comida de axé, o jejum, corpos e espíritos nutridos, o sentimento festivo e a fortaleza no senso de coletividade no ato de alimentar-se. Logo após o encerramento das atividades

Pág. 191

Figura 4

Festa na Igreja de João de Camargo.

Créditos. Daiana Coelho e Viviane Mendonça.



ESTA CASA É DE
SILÊNC

SE VEM PARA O
ORE.

QUANDO ORA
CONVERSAMOS COM

na igreja, o público participante sai de suas dependências e todos caminham juntos pelas ruas da cidade, é a marcha preta para Zumbi e Dandara.

A marcha é um protesto contra o racismo estrutural e, em 2021, seu apelo principal era pela vida, contra o genocídio da população preta. A caminhada da marcha se encerra na Praça Frei Baraúna, onde se realiza a feira crespá, um agrupamento de artesãos e empreendedores negros que se destacam nesse momento com sua produção voltada para a temática. Por toda a cidade vários eventos se seguem marcando o dia da consciência negra.

Na ocasião da comunicação oral deste trabalho no congresso internacional “Festas, Culturas e Comunidades: Patrimônio e Sustentabilidade”, muitas trocas e questionamentos contribuíram para as ideias aqui apresentadas. A questão sobre a relação com poder público assim como impactos da festa para os participantes e para a cidade não tem uma resposta simples, necessitando de mais tempo de observação e análise. De modo geral, sentimos que como ato festivo e político não cria interesse e responsabilidade de apoio no poder público que parece cumprir os suportes básicos (água, banheiros, segurança, trânsito) apenas por obrigação da lei. E obviamente a temática da negritude não é bem quista a ponto de gerar ramificações e aprofundamentos por parte do município.

A responsabilidade é dos diversos movimentos negros aglutinados e de alguns atores específicos, como o Centro Cultural Quilombinho, coordenado por Luiza Alves, o Grupo de Dança Abayomi, na figura de Lourdes Lieje, mulheres que são algumas das responsáveis por manter as pontes com o poder público, contactar os grupos participantes, criar a programação e atrair parcerias para a festa. No caminho do que foi bastante evidenciado no congresso, não podemos dizer se a festa caminha para um movimento de se tornar patrimônio do município, nem tampouco seus impactos como geração de renda e de movimento turístico, como vimos em outras festividades discutidas na Universidade do Minho. O que podemos sentir é que como movimento recente, de gestão compartilhada e independente, é extremamente dinâmico, com uma performatividade bastante imprevisível a depender dos grupos e artistas que podem se apresentar, e a cada ano se transforma, altera e cresce.

Um fator importante foi a pandemia. A festa teve uma versão remota na edição de 2020 e a retomada em 2022 teve um público estrondoso e contou com participação de muitos jovens. Um apelo dos movimentos mais jovens, como o Movimento Antirracista Sorocabano, de superação das distâncias dos movimentos negros durante o ano, chama a atenção para a emergência da união e para o modo como a violência estatal e policial vem agravando o genocídio da juventude negra.

Sobre os impactos da festa, sabemos que ela gera empenho em participar das edições futuras, os grupos se organizam e a cada edição aprofundam as estéticas, os repertórios, convidam mais pessoas, o vínculo com a igreja e com a festa-ato parece aumentar e se fortalecer. O potente ato que acontece no dia 20 de novembro além de fortalecer e forjar as subjetividades desestabilizadoras e rebeldes com o exemplo de João de Camargo, também cria, semeia outros quilombamentos. É a festa

como ponte e fonte de multiplicidades de ideias e ações. Integrantes de grupos intercambiam saberes, efetiva-se um trânsito entre grupos, movimentos e coletivos; ideias e posições políticas são discutidas e potencializadas, principalmente no momento da Marcha Preta, e projetos são imaginados como reverberação de tudo isso. Exemplo concreto é o “Corpos da Água Vermelha” (<https://corposdaaguavermelha.com.br/>; Corpos da Água Vermelha, s.d.), uma exposição que gerou publicação importante e histórica com pluralidade das vozes falando sobre o território negro da Água Vermelha, discursos escoados em linguagem artística que representam importantes documentos que contam e disputam a narrativa estética da história.

(In)Conclusões – Aquilombamento Para Imaginação de Novos Mapas

Sorocaba possui mil caminhos e muitas faces, mas regida pela lógica do trabalho vive a pressão capitalista atropelando memórias, varrendo da história oficial as narrativas que enfrentam a hegemonia. Neste dia, a cidade potencializa pistas para a potência da coletividade e do pertencimento neste importante território. Banhada em diferentes brilhos e cantos, Sorocaba reativa a memória do Preto Velho Nhô João, e é possível sentir a vibração de festa e alegria nos corpos dançando livremente no espaço. Cada subjetividade que se põe em fruição estética e sensível, em atitude de descanso e respiro, vive a experiência única deste território em festa, é um enfrentamento à crise, ao racismo e à velocidade desenfreada que o sistema capitalista nos infringe.

Otto Maduro (1993) reflete sobre as festividades como formas para a imaginação criativa de maneiras de ver, sentir e viver a própria realidade, partindo de reflexões das experiências do passado. Toda pessoa ou comunidade pode ser livre e alcançar possibilidades de reinterpretar, ressignificar, reorientar as próprias vidas. Esta reflexão nos parece abrir uma porta para pensar a potência festiva em afrodiásporas, em diálogo com as mais infinitas expressões culturais, religiosas, artísticas e políticas empreendidas pelos corpos negros. Entendemos que essa festa-ato que Sorocaba vivencia no 20 de novembro é a manifestação e concretização da reelaboração da experiência afrodiáspórica, que aprendendo com as estratégias dos ancestrais, com os fatos imutáveis de dor e de lutas do passado, imagina, fabula a partir da festa maneiras de ressignificar a vida (Figura 5).

É sobre rejeitar a condição histórica de vidas que não importam, e lutar por direito à igualdade, democracia e justiça social, no contexto de um estado que cotidianamente violenta os corpos e a subjetividade negra. É sobre o direito à vida, à celebração e às utopias, empretecer o mapa, criar um território para si e para os outros como nos ensina Beatriz Nascimento (2021). A nossa pergunta inicial tem sua resposta nessas imagens ampliadas da festa que discutimos. A festa-ato é reflexão e celebração, prazer e busca, (re)cria um território de afetividades e memórias positivas. Organiza uma política de pertencimento a partir da identidade, da reflexão, da potência da vida.

Importa perguntar se a partir da festa é possível mirar as potencialidades para imaginar e criar mapas plurais abre uma quantidade de pontos de vista e de aspectos

que devem ser levados em consideração para tratar esse tema. Sabemos que é urgente que novas investigações, de perspectivas interseccionais, abordem aspectos como a liderança e a presença das mulheres e dos corpos LGBTQIA+; as questões que envolvem classe; as tensões e embates geracionais; os conflitos com a cidade e a sustentabilidade e continuidade da festa.

Entendemos principalmente a necessidade de contar essa história, a partir das tramas do território para seguir investigando as cores de sonho e alegria que a festividade e a reflexão da consciência negra trazem para compor a imaginação de novos mapas.

Com essa festa-ato seguimos pistas importantes semeadas pela ancestralidade negra, que tem a ver com a potência política e festiva do aquilombamento, honrar as dores e lutas do passado com a força do encontro no presente. A festa é uma pista para imaginação de um (afro)futuro de vida plena, prazer e liberdade.

Agradecimentos

Este trabalho é financiado pela FAPESP - Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo através do projeto *Respirar utopias e corporeidades: Estudo sobre artistas negras na cidade de São Paulo* (09551-1-2021). Agradecimentos ao Foguinho, pela gentileza da foto.

Figura 5

Festa na Igreja de João de Camargo.

Fonte. De "Dia da Consciência Negra de Sorocaba - Igreja João de Camargo", por José Gonçalves Filho – Foguinho/Imprensa SMetal, 2018. Copyright 2019 de Foguinho/Imprensa SMetal. Reimpresso com autorização de Filho.J.G.



Referências

Campos, C., & Frioli, A. (1999). *João de Camargo de Sorocaba: O nascimento de uma religião*. Editora Senac.

Corpos da Água Vermelha. (s.d.). *Início* [Canal de YouTube]. Retirado a 23 de maio de 2022 de https://www.youtube.com/channel/UC1_f_135R10jjveD8e-t9Ew

Galvão, P. (2022). *Parque industrial: Romance proletário*. Companhia das letras.

Gomes, N. L. (2017). *O movimento negro educador – Saberes constituídos nas lutas por emancipação*. Editora Vozes.

Lei nº 12.519, de 10 de novembro de 2011. (2011). http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12519.htm

Lei nº 8120 de 02 de abril de 2007. (2007). <https://camara-municipal-da-sorocaba.jusbrasil.com.br/legislacao/525536/lei-8120-07>

Maduro, O. (1993). *Mapas para la fiesta: Reflexiones latino-americanas sobre la crisis y el conocimiento*. Centro Tierra Nueva.

Moura, D. (2019). *Mulher negra e(n)cena: Performances, encontros e utopias* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de São Carlos]. Repositório Institucional UFSCar. <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/11281>

Nascimento, B. (2021). *Uma história feita por mãos negras*. Zahar.